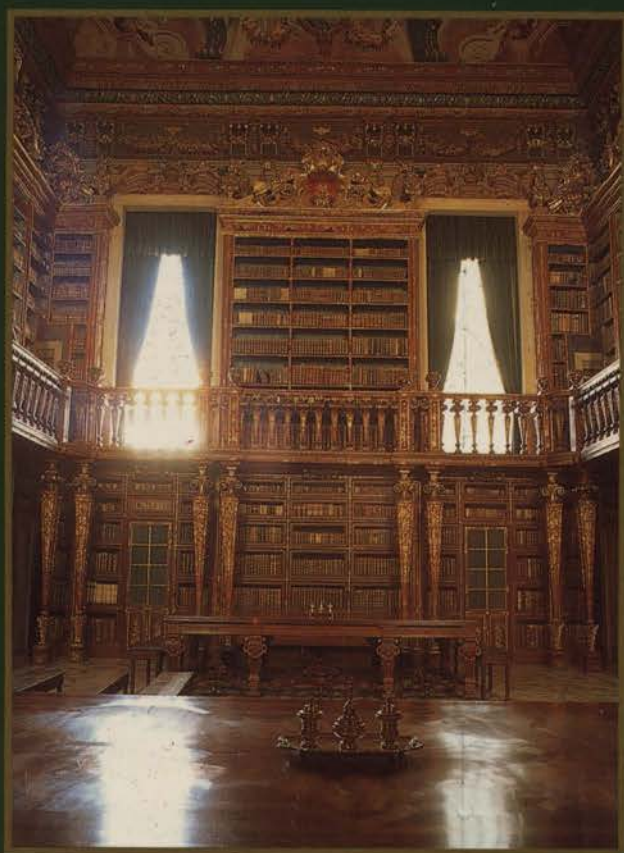


REVISTA DE HISTÓRIA DAS IDEIAS 12

UNIVERSIDADE



INSTITUTO DE HISTÓRIA E TEORIA DAS IDEIAS
FACULDADE DE LETRAS

COIMBRA 1990

certo a obra da sua vida, com dados coligidos paciente e cuidadosamente ao longo dos anos. O Eng. José-Maria de Avilez, através do Dr. Jorge Saraiva, antigo aluno de História desta Faculdade e actual aluno do mestrado de «História Contemporânea de Portugal», entregou ao I.H.T.I. uma fotocópia dessa documentação.

Ainda pouco poderemos dizer relativamente ao seu conteúdo, mas parece indubitável que qualquer investigador que analise o fenómeno político e militar das Invasões Francesas, os seus antecedentes e as suas consequências, deve estudar atentamente estes 16 volumes, que se encontram essencialmente divididos em três partes. Os primeiros 4 volumes são consagrados ao tema «A Grande Revolução», os 7 seguintes intitulam-se «No tempo dos franceses» e os 5 últimos «Consequências da Revolução e das Invasões Francesas».

Naturalmente que o «historiador profissional» encontrará dados interessantes sobre o tema analisado. Mas, além disso, o manuscrito pode ser encarado por outro ângulo, que a nós nos preocupa mais directamente — o da memória. Que imaginário e que linhas ideológicas estão presentes nesta tentativa de interpretação de uma realidade histórica que é considerada um fenómeno central das «memórias nacionais», emitida por um elemento da nobreza neste século republicano?

Bem haja, pois, ao doador e ao Dr. Jorge Saraiva. A documentação fica ao dispor dos leitores na biblioteca do I.H.T.I.

Luís Reis Torgal

AS INSTITUIÇÕES E O IMAGINÁRIO DO IMIGRANTE PORTUGUÊS NO BRASIL — PROJECTOS DE PESQUISA LUSO-BRASILEIROS

Não sou um historiador de história local e regional. No entanto, devido à minha experiência docente de Teoria da História, fui em tempos solicitado para abrir, em Lamego, o 1.º Colóquio de História Local e Regional, organizado pela Escola Superior de Educação de Viseu. Daí nasceu o artigo que vim a publicar em 1987 nesta revista, intitulado «História... Que História? Algumas reflexões introdutórias à temática da história local e regional».

Nessa altura conhecera no Brasil o projecto de investigação sobre Canudos, promovido pela Universidade do Estado da Bahia, e apercebera-me dos aspectos originais da colonização portuguesa, e nomeadamente açoriana, no Rio Grande do Sul. O entusiasmo destas experiências, nomeadamente a última, levou-me a sugerir — meramente

a sugerir, tendo em conta que o meu quadrante de pesquisa é outro bem diferente — a realização de um projecto de investigação luso-brasileiro sobre a emigração. Tais reflexões foram também publicadas nesse número de 1987 da *Revista de História das Ideias*.

Pouco sei, infelizmente, do desenvolvimento desse interessante «projecto Canudos», embora não tivessem desaparecido de todo as minhas relações com esse grupo entusiasta de investigadores da U.N.E.B.. Sei, por outro lado, que a Universidade dos Açores tem levado a efeito um trabalho de pesquisa sobre a emigração e a presença cultural portuguesa no sul do Brasil, particularmente (segundo julgo), no Estado de Santa Catarina. O certo, porém, é que apesar de me encontrar à margem desses projectos, foi em boa parte o artigo publicado em 87 nesta revista que propiciou o convite, que me foi dirigido pela Universidade Federal do Pará, para, não só proferir uma conferência sobre o tema «História e Ideologia», mas também para participar numa mesa-redonda sobre «História Local e Regional». Dirigiu-me esse convite um professor doutorado em Portugal, onde foi orientado pelo Prof. Joel Serrão, cuja tese foi apresentada à Universidade Nova de Lisboa — trata-se do Prof. Geraldo Mártires Coelho, cuja dissertação, por mim arguida, se intitula *O Vintismo no Grão Pará: relações entre Imprensa e Poder (1820-1823)*.

O contacto por mim havido com a realidade do Pará, nomeadamente de Belém, foi de um interesse assinalável. Trata-se, de resto, de uma cidade cheia de sugestões portuguesas, quer referentes ao período colonial, quer aos períodos imperial e republicano, que nos atrai de imediato. Os nomes das terras portuguesas atribuídos a cidades amazónicas — Soure, Óbidos, Bragança, etc. — recorda, de resto, a polémica colonização e aculturação levada a efeito nos tempos pombalinos, assim como a riqueza, ainda evidente nas moradias e no belo teatro da Paz, dos barões da borracha lembra-nos o esplendor exuberante de um período, bem como a aventura dos pobres seringueiros, magistralmente contada na *Selva* de Ferreira de Castro, passada no interior da Amazônia, de que Belém é a porta.

A festa do Círio da Nazaré, a que tive a felicidade de assistir, foi também o encontro com a pujante cultura luso-brasileira. Não é só o culto de Nossa Senhora da Nazaré que, recordando Portugal, revela o carácter original deste «Carnaval Religioso» (como já se lhe chamou). É sim a junção de um culto marítimo, de Portugal, com um culto fluvial, dos braços dos rios que cercam o Amazonas, que dão a nota própria da presença cultural religiosa e popular portuguesa adaptada à cultura religiosa e popular brasileira.

Mas, passando destas pinceladas «folclóricas» — a que gostaria de acrescentar a hospitalidade paraense e a simpática homenagem que o

Rotary Club quis prestar, na minha presença, ao 7.º Centenário da Universidade Portuguesa — para aspectos de natureza mais «científica», gostaria de deixar aqui traçadas algumas notas sobre um projecto de pesquisa que espero vir a realizar-se com a colaboração de historiadores, sociólogos e antropólogos da Universidade Federal do Pará, com a coordenação do Prof. G. Mártires Coelho, e por historiadores da área da história social e da história cultural e das mentalidades da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, coordenado pelo Prof. Rui Cascão.

Um dos aspectos mais interessantes que notei em Belém — graças à orientação do Prof. Mártires Coelho e do imigrante português Senhor João Sérgio Duarte dos Reis — foi a presença de instituições e de uma sociabilidade portuguesa que, por sua vez, se vai metamorfoseando numa sociabilidade luso-brasileira, e, por outro lado, as formas de sociabilidade brasileira que foram integrando os imigrantes portugueses. É claro que isso se verifica em todo o Brasil — são conhecidos os Gabinetes Portugueses de Leitura do Rio de Janeiro, da Bahia, Liceu Literário Português do Rio, os Hospitais Portugueses, as associações de beneficência, as casas regionais (dos Poveiros, de Trás os Montes, das Beiras...), etc. —, mas julgo que em Belém, por razões históricas e geográficas, sociais e até talvez políticas, mantém-se uma estrutura própria e ainda muito viva.

O Grémio Literário e Recreativo Português, fundado em 29 de Setembro de 1867, é talvez das instituições mais interessantes e onde permanece mais evidente o imaginário português. Se logo à entrada se encontra um painel de azulejos de fabricação recente com a Universidade de Coimbra, no salão nobre encontramos as grandes figuras dos descobrimentos e Saldanha, que em 1870 ocupava vários postos no Ministério. Na Biblioteca — com um rico espólio, que está a ser tratado pela Universidade Federal do Pará — vê-se por cima da porta um belo relevo em madeira do Presidente Manuel de Arriaga e vários retratos de outros presidentes da República. Na sala de reuniões um busto antigo de Gambetta leva a sugerir as ligações dos fundadores às ideias republicanas e à maçonaria. O espólio arquivístico do Grémio está pelo menos em parte preservado, sobretudo no que diz respeito às matrículas dos alunos que frequentavam as escolas de contabilidade.

A formação profissional constituiu, de resto, um dos objectivos destas instituições, que assim apoiavam os emigrantes que chegavam, bem como os cidadãos brasileiros. É o caso da Fénix Caixeiral Paraense, voltada para a formação de mão de obra dos serviços de comércio.

Entretanto, no sector da assistência destaca-se a instituição da Beneficência Portuguesa, que já mereceu alguns estudos, e no sector recreativo, não menos interessante, salientam-se a associação Vasco da

Gama e a Tuna Luso-Brasileira, fundada em 1903 com o nome de Tuna Caixeiral Paraense, que tem hoje uma intensa actividade.

Presume-se, por outro lado, que foi importante, no domínio político, a colónia migratória portuguesa, que se torna necessário caracterizar. O Prof. Mártires Coelho está inclusivamente a fazer o levantamento de material comercial de ordem diversa, onde está presente a simbologia portuguesa e republicana. Existia, aliás, no Pará um Centro Republicano Português e a integração dos imigrantes nas sociedades maçónicas — *Renascença, Fénix, Firmeza e Humanidade e Grande Oriente* — é um facto ainda hoje comprovado.

O estudo dos jornais do Pará, de que se destacam alguns portugueses, tais como *A Colónia Portuguesa* (1885), *O Eco Português* (1890), *O Lusitano* (1906-1907), constitui também outra área de trabalho. Por outro lado, em Portugal é necessário conhecer as áreas de origem da emigração, as memórias dos emigrantes sobre o Pará (reflectidas em cartas, livros, postais, periódicos), o processo de fixação e de ascensão social dos emigrantes que regressam, etc.

Portanto, trata-se de um projecto de investigação do maior interesse, que por certo não deixará de ser apoiado pelas instituições de cultura portuguesas e brasileiras, que os responsáveis estão cuidadosamente a elaborar e ao qual deram o título *Sociabilidade, cultura e ideologia. Pará e Portugal (fins do século XIX-princípio do século XX)*.

Mas as pesquisas luso-brasileiras não ficam por aqui e parecem finalmente ter encontrado um ritmo regular e sistemático.

Num contexto idêntico, embora com outras balizas cronológicas e outras preocupações temáticas, a Dr. Heloísa de Jesus Paulo, actualmente professora-assistente na Universidade Federal de Ouro Preto (Minas Gerais), mas cuja formação científica se verificou na Universidade Federal Fluminense, de Niterói, e na Universidade de São Paulo, está actualmente a trabalhar na análise dos processos de reprodução da ideologia salazarista no Brasil e, nomeadamente, no Rio de Janeiro.

Já conhedora da realidade ideológica do Estado Novo brasileiro — foi sua tese de mestrado *O D.I.P. e a juventude no Estado Novo (1939-1945)*, que obteve agora oficialmente o «reconhecimento» pela Faculdade de Letras de Coimbra — e movendo-se bem, pela sua origem portuguesa, no âmbito da colónia portuguesa do Brasil, prepara agora o seu doutoramento, sob minha orientação, acerca do sugestivo tema a que intitulou (provisoriamente) *A reprodução da ideologia salazarista no Brasil (1930-1960)*.

É da sua autoria um artigo, publicado neste volume, dedicado à Universidade, sobre o *Portugal dos Pequenitos*, porque exactamente um dos temas centrais da sua dissertação será o da definição do que

se entende por «cultura popular», que tem um significado fundamental na ideologia salazarista.

Luís Reis Torgal

CONGRESSO «HISTÓRIA DA UNIVERSIDADE»

No contexto do 7.º Centenário da Universidade, realizaram-se várias manifestações culturais e científicas promovidas por diversas instituições académicas. Entre elas, efectuou-se de 5 a 9 de Março de 1990 — poucos dias após a sessão solene de 1 de Março, a que presidiu Sua Ex.^a o Senhor Presidente da República, Dr. Mário Soares, que deu início ao ano comemorativo — o congresso «História da Universidade». Organizado pelos Institutos de História e Teoria das Ideias, de História Económica e Social e de História da Arte, da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, e pela área de História da Educação da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, iniciou-se na Sala Grande dos Actos com uma sessão solene presidida pelo Magnífico Reitor, Prof. Rui de Alarcão. Nesta sessão, depois de o Presidente do Congresso, Prof. Luís Reis Torgal, ter dito algumas palavras de abertura, o Prof. António Ferrer Correia, Magnífico Reitor Honorário da Universidade de Coimbra, proferiu uma conferência «Sobre o problema da Autonomia das Universidades em Portugal: o passado e o presente», encerrando a sessão o Magnífico Reitor.

As sessões de trabalho realizaram-se na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, dividindo-se em várias sessões subordinadas a diversos temas. Nelas apresentaram 133 comunicações 144 investigadores das mais variadas formações científicas, com os mais diversos estatutos profissionais e de sete nacionalidades, e estiveram presentes, no seu conjunto, cerca de 500 congressistas.

A sessão de encerramento, que teve como lugar o Auditório da Reitoria da Universidade de Coimbra, foi presidida pelo Vice-Reitor Prof. Fernando Rebelo, que dirigiu aos presentes as últimas palavras sobre o congresso. Antes disso, o Prof. Miguel Baptista Pereira, da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, proferiu uma conferência, subordinada ao tema: «Reflexões sobre a essência e a autonomia da Universidade», e o Prof. Joaquim Ferreira Gomes, em nome da Comissão Organizadora, leu as conclusões do congresso.

Menos de um ano decorrido após o congresso «História da Universidade», em sessão solene presidida pelo Magnífico Reitor na Sala do Senado da Universidade de Coimbra, verificou-se a apresentação das suas actas. Depois de, numa sessão autónoma, ter sido inaugura-